

## PESQUISA-FORMAÇÃO FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA “HEIDEGGERIANA”: (Auto)Cartografias de Professores em Navegação ao Autocuidado

RESEARCH-HERMENOLOGICAL PHENOMENOLOGICAL TRAINING “HEIDEGGERIANA”: (Auto)  
Cartographies of Teachers in Navigation to Self-care

Clara Maria Miranda de Sousa<sup>1</sup>, Marcelo Silva de Souza Ribeiro<sup>2</sup>

 ORCID IDS

Sousa CMM - <https://orcid.org/0000-0003-0967-7790>

Ribeiro MSS - <https://orcid.org/0000-0003-1196-7383>

### RESUMO

O objetivo deste artigo teórico-reflexivo é apresentar e discutir alguns aspectos da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana”, de cunho metodológico qualitativo-implicado, que buscou enfatizar sua pertinência (auto)cartográfica, num processo formativo sobre o autocuidado. Para tanto, assume uma perspectiva multirreferencial (MACEDO, 2000), tendo no pensamento “heideggeriano” sobre o autocuidado seu ponto fulcral. Além disso, o artigo adota uma linguagem metafórica relacionada a navegação. Reúne contribuições advindas de Josso (2007), Longarezzi e Silva (2008), Barbier (2004), Boff (2014), Freire (2015), Bondía (2017), Gadamer (2002), Rogers (2002), Amatuzzi (2007), Souza e Francisco (2017) e Passos, Kastrup e Escóssia (2015). Os instrumentos de navegação, que marcam e registram percursos, condições e estados, foram denominados “(auto)Cartografia na formação: mapas de si”. Estes foram constituídos por: diários reflexivos, que contribuíram para os registros da (auto)reflexão; e as escritas de si mesmo e das práticas, que serviram como uma (ins)crita criativa, envolvendo a prática enquanto ser-no-mundo. A partir dessa navegação formativa, compreende-se que os espaços formativos são momentos em que os tripulantes-professores têm a possibilidade de experimentar a (auto)cartografia, no movimento de revelar-se e cobrir-se, até se desvelar de si mesmo, responsabilizando-se pelo cultivo do seu autocuidado. A (auto)cartografia por tripulantes-professores indica que a formação é deveras lugar de autocuidado, afetando o encontro de si e do outro, provocando preocupação, inquietude e senso de entrosamento para com suas ações e as da coletividade.

Palavras-chave: Pesquisa-Formação; Fenomenologia; Professores; (Auto)Cartografia; Autocuidado.

### ABSTRACT

The objective of this theoretical-reflective article is to present and discuss some aspects of the “Heideggerian” Hermeneutic-Phenomenological Research, with a qualitative-implicit methodological approach, which sought to emphasize its (self) cartographic pertinence in a training process on self-care. For this, it assumes a multireferential perspective (MACEDO, 2000), having in the “Heideggerian” thinking about self-care its focal point. In addition, the article adopts a metaphorical language related to navigation. It brings together contributions from Josso (2007), Longarezzi e Silva (2008), Barbier (2004), Boff (2014), Freire (2015), Bondía (2017), Gadamer (2002), Rogers, Souza and

<sup>1</sup> Universidade de Pernambuco (UPE)

<sup>2</sup> Universidade Federal Vale do São Francisco (UNIVASF)

Autor Correspondente: [claradassis@gmail.com](mailto:claradassis@gmail.com)

Recebido em 27 de Outubro de 2019; Aceito em 14 de Abril de 2020.

Francisco (2017) and Passos, Kastrup and Escóssia (2015). The navigational instruments, which mark and record paths, conditions and states, were called “(self) Cartography in formation: maps of oneself”. These were: reflective journals, which contributed to the (self) reflection records; and the writings of self and practices, which served as a creative (ins) creative, involving practice as being-in-the-world. From this formative navigation, it is understood that the formative spaces are moments in which the crews-teachers have the possibility of experiencing the (auto) cartography, in the movement of revealing and covering itself, until it reveals itself, taking responsibility for the cultivation of their self-care. The (self) cartography by crew-teachers indicates that the training is really a place for self-care, affecting the encounter of self and the other, causing concern, restlessness and a sense of connection with their actions and those of the community.

Keywords: Research-Training; Phenomenology; Teachers; (Auto)Cartography; Self-care.

## INTRODUÇÃO

“Navegar é preciso, viver não é preciso”

(PESSOA, 2005)

O navegante, ao se lançar mar adentro, aventura-se no desconhecido. Antes desse aventurar-se, alguns detalhes precisam ser tomados com atenção para a travessia no oceano: o planejamento da viagem, a água, os equipamentos, o combustível, os itens pessoais, o mapa e a bússola. Importante ainda os abraços e as despedidas de quem fica, mas junto vão fotografias, lembranças e a coragem de navegar em águas profundas. Tudo a mão, inicia-se a travessia. Na formação com professores, colocamo-nos como esse navegante, a desbravar águas desconhecidas, pois assim como a viagem ao mar, cada grupo tem suas particularidades e inferências sob a aventura do vivido.

O poeta Fernando Pessoa vem nos indicar que há precisão na técnica de navegar, mas que viver é sempre algo a se criar, pois só se aprende a viver, vivendo. Cada mar ou viagem é para o navegante uma experiência única. Assim, junto com professores, incorporamos a intensidade, singularidade e transformações via as experiências docentes enquanto lugar privilegiado do cuidar, deste modo essa experiência de “navegar” leva a transformações ao (re)fazer-se enquanto pessoa, ao conhecer-se mais, ao buscar novos horizontes e ao realizar novas escolhas. A formação docente, portanto, construída com professores, nos mostra que o mar está aberto com suas tempestades e serenidades, ou seja, que novidades tensas ou ternas poderão acontecer a partir de um processo de facilitação que envolve todos, permitindo que o “Ser” da experiência seja visto tal qual ele

é, no seu ser-sendo (GALEFFI, 2001).

O objetivo desta nossa navegação, descortinada neste artigo teórico-reflexivo, é apresentar e discutir alguns aspectos da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana”. Assim, no lançar-se junto a galera<sup>1</sup> de professoras<sup>2</sup>, fomos compreendendo através da sinalização do grupo que o processo formativo se mostra como espaço de autocuidado. Tal escrito é proveniente de uma pesquisa maior intitulada *Cuidado em Educação: os sentidos da experiência no contexto de pesquisa-formação com professoras da educação infantil*, resultante da dissertação de Mestrado em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares, que teve como objetivo a compreensão dos sentidos de professoras da educação infantil, quanto ao autocuidado, cuidado com o outro e com o meio, a partir da vivência de uma proposta formativa. Exploraremos, neste espaço, ideias relativas a cartografia do autocuidado no contexto da Pesquisa-Formação de perspectiva Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” (SOUZA, 2018).

Embora não seja nosso intento abordar a pesquisa em sua dimensão empírica, cabe ao menos situar onde se deu o nosso processo investigativo. Assim, o espaço escolar em que fora vivenciada a Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” relacionada ao cuidado, está localizada em um bairro periférico da cidade de Juazeiro - BA, que atendia cerca de 250 crianças com idade entre 6 meses a 5 anos. O processo formativo foi desenvol-

1 Galera faz aqui referência aos companheiros da galé.

2 Utilizamos do termo professoras, no feminino, para especificar que o grupo participante dessa pesquisa em questão foi em seu total composto por mulheres.

vido com um grupo composto por 13 professoras da educação infantil, em horário de serviço, através de 5 encontros, com diferentes temáticas para compreensão do cuidado (SOUSA, 2018).

Assumindo uma perspectiva multirreferencial (MACEDO, 2000) como porto que ancora, abriga, mas desancora e desaporta, este artigo tem, no pensamento heideggeriano sobre o autocuidado, seu ponto fulcral. Daí, como galés ou naus, reunindo contribuições advindas de Josso (2007), Longarezzi e Silva (2008), Barbier (2004), Boff (2014), Freire (2015), Bondia (2017), Gadamer (2002), Rogers (2002), AmatuZZi (2007), Souza e Francisco (2017) e Passos, Kastrup e Escóssia (2015), diálogos são lançados à descobertas que dizem respeito aos processos formativos, as experiências interpretativas, aos vínculos e as qualidades das relações. Sobre esse navegar, portanto, do processo formativo que tremula o autocuidado, que aqui iremos cartografar.

A vela que norteou nossa navegação foi nomeada por nós de “Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica Heideggeriana”, uma metodologia de cunho qualitativo - implicativo. A Pesquisa-Formação, nesse sentido, possibilita que as pessoas saiam do isolamento de suas ideias e se socializem para uma invenção de si mesmas, no aspecto de olhar para suas fragilidades e potencialidades, viabilizando crescimentos e transformações de suas práticas (JOS- SO, 2007). A fenomenologia hermenêutica “heideggeriana” lança o ser ao abrir asas, despertando novos padrões de sentidos, na possibilidade da abertura de si, co-criando-se com o contato consigo, com o outro e no mundo (HEIDEGGER, 2005).

Desse modo, consideramos relevante alinhar essas velas em uma mesma navegação, interrelacionando pesquisa-formação e a fenomenologia hermenêutica “heideggeriana” para indagar o sentido existencial que envolve o “Ser” em processo de formação, como uma viagem em alto mar onde cada experiência é singular e onde cada pessoa é uma pessoa a ser considerada no processo. A formação se constrói acolhendo os processos identitários de cada pessoa do grupo, num entendimento e abertura de vivências a partir das relações com o outro e no mundo. Importante ainda sublinhar que na pesquisa-formação todos são aprendentes, em projeto de formar-se, já que em re-

ação ao ser aprendente ninguém está pronto, pois todos são permanentes atores da vivência da própria história (JOS- SO, 2007; HEIDEGGER, 2005).

Para desbravar a travessia da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana”, nossa navegação está organizada em cinco espaços privilegiados de reflexão cartográfica da experiência de formação com professoras. No primeiro momento, apresentaremos as bagagens teóricas que nos fundamentam ao longo de nossa viagem além mar na formação. No segundo espaço, mostraremos os instrumentos de navegação utilizados por nós enquanto tripulantes da embarcação. O terceiro momento, indicaremos o mapa de nossa viagem, nomeado de Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica Heideggeriana. No quarto momento, traçaremos a cartografia do novo devir docente, o antes e depois desta travessia formativa chegando ao autocuidado. E, por fim, as nossas considerações acerca da experiência vivida na navegação da formação docente por meio da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana”.

## BAGAGENS TEÓRICAS

Como toda nau que se lança ao oceano, segue abastecida de víveres, suprimentos, ferramentas e outras bagagens. Dentre algumas bagagens teóricas, partimos de compreensões que adotaram o valor das experiências na formação de professores, seguindo tradições legadas por Dewey (1968), mas também por Zapata (2004), que advoga a importância de uma epistemologia da prática como berço de conhecimento ancorados nas experiências. Certamente tais tradições flertam com as posições assumidas por Bondia (2017), Freire (2015) e Rogers (2002), no que tange a necessária valorização das experiências como ponto de partida para se conhecer a realidade, o outro, para constituição de si e suas conseqüentes transformações, assim como a qualidade das relações humanas naquele sentido da autenticidade.

Ainda sobre o valor da experiência, mas especificamente no que diz respeito a qualidade das relações e das “falas autênticas” (AMATUZZI, 1989) entre os docentes, foi importante considerar a formação que seu deu com as pessoas e não pensada e imposta a

elas.

Nossa nau navegou também portando um sentido próprio de (auto)cartografia, que foi a ideia de que, antes de conhecer o mundo, precisamos (re)conhecer a nós mesmos. Assim, na formação docente, a professora, estando em relação com o outro, precisava atracar algumas vezes, pisar em terra firme para se escutar, e isso com o intuito de estar melhor com as demais pessoas, dentro ou fora da sua prática pedagógica. Foi nesse embarcar e desembarcar que o processo formativo se deu.

Contudo, as bagagens não tinham só equipamentos teóricos, da ordem de pressupostos conceituais. Levou-se nos alforjes preocupações carregadas por conta da realidade que acomete muitos profissionais, qual seja, o adoecimento docente. Logo nos primeiros sopros de vento que impulsionaram nossa nau, notamos o quanto esse tema estava presente na vida daquelas professoras.

Uma das primeiras dificuldades encontradas, como aquelas tempestades que colocam a prova a capacidade dos marujos contornarem as adversidades foi a resistência das professoras quanto a proposta, pois demonstraram resistências. As professoras estavam acostumadas a formações já prontas, dessas como treinamentos e que são tratadas, via de regra, como ato de violência para com o professor pois são reduzidos a meros objetos de uma engrenagem que visa apenas resultados.

A formação que se dá no "mar da escola", na realidade em que professoras estão presentes, contribui na profissionalidade de reconhecer a si mesmo nos momentos de reflexão da prática, ampliando a visão para pesquisar, sendo provocado a viver em busca, conhecendo as diversidades e acolhendo as mutações provocadas pelas ondas cotidianas de estar-com-o-outro (JOSSO, 2007). O projeto de formação, deve, pois, sempre pensar na tripulação que navegará conjuntamente, pois para se desbravar além-mar há necessidade da ajuda de todos do início ao fim da viagem.

Na navegação formativa é importante que todos se

sintam envolvidos, motivados a estarem na travessia, mesmo que saibam das dificuldades que irão enfrentar. A formação, para haver efetiva participação de todos no esforço da viagem, deve ter sentido de existir, de modo que haja verdadeira colaboração na produção coletiva de espaços educativos com qualidade (LONGAREZI; SILVA, 2008).

Na travessia, às vezes bate o vento forte das memórias que levam a cada tripulante a reflexão dos retornos do que foi, do que fez, do que viveu ou não viveu. Barbier (2004) utiliza o termo "escuta sensível", para abordar a pesquisa-formação como espaço para sentir o universo afetivo, os processos imaginários e cognitivos do outro. Conforme esse toque, refletimos que, quando nos colocamos em diálogo com uma pessoa, somos movidos a participar do universo que ela traz, estabelecendo confiança e compreensão quanto às suas ideias, aos valores e a sua existência. Na viagem, confiamos no outro à medida que passamos a conhecê-lo mais, a saber sobre seus pensamentos, sentimentos e motivações.

Junto com o outro há as (auto)descobertas sobre o que cada um foi e como deseja "Ser" após a experiência formativa. Heidegger (2005), como fenomenólogo, expõe que o ser se compreende a si mesmo a partir do que se mostra, tal como é, exercitando a sua verdade. Em dados momentos o "Ser" pode se encobrir de maneira a achar que está esquecido. Com a coragem de encarar a navegação formativa há a possibilidade de revelar o que está coberto, para que outros modos-de-ser possam emergir.

Para Heidegger (2005), o modo-de-ser de cada um se estrutura pelo cuidado. O "Ser" enquanto ser-no-mundo reconhecendo-se como o próprio cuidado, tem a possibilidade de se encontrar consigo mesmo, nos seus anseios, nos seus desejos, nos seus sentidos de existir estando-com-o-outro, inclusive na laboriosa tarefa de remar em busca de novos portos de paragens, (re)abastecendo-se de conhecimentos de si e do mundo, com o intuito de desenvolver melhor sua prática.

O "Ser" que se coloca para estar na navegação formativa experimenta a busca de consciência para chegar a alguns lugares. É o momento do encontro consigo mesmo, por meio do que sentimos através do



nosso corpo até a chegada ao autocuidado. Segundo Boff (2014), o corpo é subjetividade, já que carrega memórias, guarda informações, se expressa e enriquece a vida. Contudo, o corpo precisa ser tocado, por meio da escuta, sobretudo no que diz respeito às suas fragilidades e limitações.

Não é por menos, por exemplo, que cada vez mais cresce o número de professores afastados de suas funções por conta de adoecimentos provenientes ao trabalho. Parece faltar esse cuidado em seus contextos, inclusive formativos. Assim, a formação com tripulantes-professores, se preocupando em como estão e como se sentem, respeita os tempos e as dimensões da vida pessoal com o intuito de que a viagem ao autocuidado seja também a busca da cura. E cura aqui é vista como equilíbrio integral, indicando ao “Ser” a responsabilização para com todos os momentos de seu existir (BOFF, 2014), o que leva ao sentido de formação.

Formação, portanto, na literalidade da língua alemã, conforme Gadamer (2002), se denomina *Bildung*, sendo, pois, uma produção não somente técnica, de realizar determinada atividade, mas de se constituir sentido, sendo-no-mundo em constante evolução e aperfeiçoamento. A formação *Bildung* se estabelece pela pluralidade de experiências, desse modo estabelecemos a relação de que mesmo com preparativos, com detalhes a serem vistos em uma viagem, será somente vivendo-a que se emergirá outros significados para com a prática docente.

A navegação sob águas profundas é, em alguns momentos, assustadora porque vamos ao desconhecido, ao inesperado e até mesmo ao intocado. O “Ser” na formação *Bildung* cria seu modo de (auto)aperfeiçoamento, propiciando fascínio diante das novas descobertas, seja consigo mesmo, para com o outro e o mundo. A viagem é planejada, mas é na integração com outros em processo de (auto)reflexão que os talentos vão sendo reconhecidos gerando movimentos provocativos para mudanças na relação com o “eu” e com o “tu”, para que o “nós” possa ser fator determinante de modo a gerar transformações.

Na preocupação para consigo mesmo, o “Ser” na navegação formativa se coloca, como nas palavras de Freire (2015), consciente de seu inacabamento.

O tripulante-professor que se deixa formar e de-formar pensamentos para construir outros tantos, com o intuito de compreender a sua realidade, tem a condição de, em momentos tempestuosos, tomar conscientes decisões, pensando no bem comum, respeitando às diferenças e sendo presença no mundo (FREIRE, 2015).

Além-mar a tripulação está sempre atenta a todos os movimentos a acontecer ao longo da viagem formativa. Para tanto, Bondía (2017) expõe que o sujeito da experiência se constitui pelo conhecimento científico e a vida humana. É como se fosse uma forte junção de duas forças que equilibram o barco e que juntas podem estabelecer o equilíbrio necessário para a tranquilidade da navegação. Na formação cada “Ser” carrega consigo uma história cultural, cheia de experiências que lhe marcam, assim pode-se perceber que é um momento oportuno para aprender com o outro, de invenção no modo de pensar e reconhecer as potências de vida presentes em si.

Sabe-se que antes de dirigir qualquer embarcação se faz necessário a preparação formativa, sendo, pois, importante que haja uma facilitação dos comandos, para que cada um assuma seu papel diante da navegação. A nau só aportará em algum lugar se todos os tripulantes forem participante do velejar nas ventanias. Rogers (2002), nesse sentido, mostra que o formador é alguém aberto ao encontro com as pessoas, que tem atitudes de aceitação para o estabelecimento de confiança. Além disso, vivencia o que fala enquanto atitude de congruência, sendo autêntico para consigo e com o outro.

A formação estabelecida conjuntamente com as pessoas, indica horizontes para que todos tenham papel ativo na aprendizagem. Uma nau não tem como aportar em algum lugar se todos não contribuírem um pouco ao longo da viagem. A navegação formativa não somente tem o intuito de chegar a algum porto de geração cognitiva, mas o crescimento enquanto pessoa e que haja condição para que em seus retornos à vida cotidiana, de modo a cada um estabelecer meios facilitadores para estar melhor junto com os outros (ROGERS, 2002).

Por mais que outros contem como fora a experiência de embarcar em uma nau, desbravando ocea-

nos e fronteiras, é somente experimentando que se saberá como fora vivenciar a navegação. AmatuZZi (2007) mostra que a experiência é o contato com o real que nos acontece, de maneira a sentir os impactos dos encontros, passando por reflexões e percebendo que cada pessoa gera um sentido próprio no horizonte das incertezas do vivido.

Nesse movimento contínuo de integrações multireferenciais, a relação do método cartográfico com a fenomenologia realizada pelas discussões desenvolvidas por Souza e Francisco (2017) a partir do adentramento de estudos das Pistas do Método da Cartografia de Passos, Kastrup e Escóssia (2015) tem muito haver com que estamos a desenvolver com a Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana”. Ambos estudos expressam que a cartografia e a fenomenologia são propostas que se abrem aos acontecimentos e aos sinais dos processos engendrados pela implicação dos participantes. Em consonância a essa visão, a (auto)cartografia se mostra como abertura de pensar, se deixando guiar pelo processo, vivendo a prática da experiência de pesquisar junto com outros, algo irrepetível e impossível de ser revivido tal e qual.

Em nossas bagagens teóricas, a nau formativa carrega em seus alforjes suprimentos para conseguir aportar ao fim da viagem. Há, pois, a oportunidade de compartilhar instrumentos, memórias, experiências para que todos os tripulantes-professores cheguem com novos saberes e a oportunidade de carregar tesouros que contribuem em suas (auto)formações.

Bagagens prontas, alforjes preparados, todos animados para vivenciar a experiência. Contudo, é preciso verificar antes os instrumentos de navegação para encarar os oceanos formativos a serem explorados com os tripulantes-professores.

## INSTRUMENTOS DE NAVEGAÇÃO

As experiências oriundas da relação entre o ser humano e o oceano é deveras rica em simbologias e, como já é possível notar, estamos buscando inspirações adotando suas metáforas. Sendo assim, nossos instrumentos de navegação, que marcam e registram percursos, condições e estados, serão denominados

“(auto)Cartografia na formação: mapas de si”. Estes foram constituídos por: diários reflexivos que contribuíram para os registros da (auto)reflexão; as escritas de si mesmo e das práticas, que serviram como uma (ins)crita criativa, pois eram compartilhadas em grupo, produzindo novas significações; as sinalizações sociais que envolviam a prática enquanto ser-no-mundo, feitas pelas mediações de todos os envolvidos no processo da pesquisa-formação; e a co-construção de modos-de-existência, pois havia reorganização nos modos de fazer e “Ser”, tanto no contexto da escola, quanto na vida das docentes de um modo geral.

Pode-se dizer que esses instrumentos de navegação, (auto)cartográficos portanto, já traziam suas implicações de produzir conhecimento ao mesmo tempo que inventava ações e transformavam práticas docentes. O descobrir-se a si mesmo, nesse sentido, como processo intenso e exigente, demandou esforços para aprender e desaprender. Eis os nossos portos de chegada e de partida.

## LEITURA DO MAPA DE NAVEGAÇÃO FORMATIVA

Nas viagens marítimas, os mapas são importantes para a orientação quanto às rotas, os obstáculos e os portos. Trata-se de uma orientação visual acerca do espaço percorrido. Neste espaço, serão expostas as coordenadas da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana”, destinada, inicialmente, ao trabalho profícuo em formação de professores, como um elemento essencial a (re)construção de si mesmo, ao tempo que se configura também como coletivo.

Entre os pontos de norte a sul do nosso mapa, temos a pesquisa-formação e a fenomenologia-hermenêutica “heideggeriana”. A pesquisa-formação é uma metodologia que se insere na perspectiva qualitativa, fazendo parte do conjunto das chamadas pesquisa-ação. Esta, percebe a relação que se faz entre sujeito-sujeito, dando voz a todos os envolvidos, de maneira a compreender a realidade e agindo sobre ela (JOSSO, 2007; LONGAREZI; SILVA, 2013; PERRELLI et al, 2013). O filósofo Heidegger (2005) ao propor a fenomenologia-hermenêutica, expõe que a interpre-

tação e compreensão se dá pelo próprio ser. Assim, interrelacionando pesquisa-formação e fenomenologia-hermenêutica “heideggeriana”, percebemos que a junção potencializa os espaços formativos, como meio dinamizador de compreensão e construção de novas práticas de cuidado em educação, além de sentidos transformadores que poderão ser atribuídos pelos professores na reflexão de suas experiências.

A Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” ao ser desenvolvida com professores, fortalece a ideia de um processo de construção permanente, de modo a favorecer espaços de diálogos e participação ativa nos diversos momentos ao longo da pesquisa. Desse modo, o contexto escolar se torna um lugar de possíveis transformações e superações da formação, mediada por reflexões no coletivo (LONGAREZI; SILVA, 2008; JOSSO, 2007).

Tem-se como referência aos pontos cardeais do mapa (auto)cartográfico com professores a Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” como possibilidade aos que dela participa a abertura para a colocação das questões emergidas da experiência, dando vez a apresentação de preocupações e inquietações, a partir de um processo individual e coletivo surgidos nas narrações de seus envolvidos (JOSSO, 2007). Nesse sentido, a Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” reflete sobre os percursos, as práticas e as vivências dos tripulantes-participantes, sendo um espaço para que as pessoas olhem para si mesmo, as suas construções de identidade e a evolução das suas vidas profissionais e sociais.

Outra característica que pode ser evidenciada é a Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” como um momento de tomada de consciência de si mesmo e de sua formação, mediante o compartilhamento das experiências, construído através do trabalho individual e em grupo por meio de aprendizagens reflexivas, dando sentido a formação e ocorrendo transformação de modo permanente. Esse modo de pesquisar privilegia a forma como cada pessoa cria e recria os seus sentidos na formação (JOSSO, 2007; HEIDEGGER, 2005).

Em se tratando de portos escolares, baías curriculares que envolvem a escola, barras que podem difi-

cultar as passagens para a formação e estuários de imensas realidades que influenciam no cotidiano da prática pedagógica, a Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” considera o desenvolvimento dos saberes de forma democrática e coletiva pela vivência do grupo e não a imposição de normatizações de fatores que não tem nada haver com o grupo de tripulantes-professores participantes do processo. Então, seu desenvolvimento dará condição para o “Ser” ocupar o espaço de emancipação, produzindo sentidos a partir da orientação a ser vivenciada em busca de se autocuidar na participação dos encontros formativos (LONGAREZI; SILVA, 2008, p. 4).

Para Heidegger (2005), o homem é porta de acesso ao ser-aí, fazendo-se presente em atitude de abertura, ao se lançar no mundo, enquanto ser-para, não sendo estático, mas em transformação. Assim, o ser-para está em realização de uma meta comum junto a outros entes que encontra na sua existência. Dessa forma, a Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” se coloca como compreensão inicial das relações com outros entes, interpretando os fenômenos, levando-nos a entender como cada um se coloca no mundo, qual a forma de lidar com as diversas situações, sendo observado o modo próprio de “Ser”. Conforme isso, se destina que a análise do mundo vivido é realizado pelo próprio “Ser”, expandindo a sua (auto)compreensão de si e de sua experiência.

Na localização para chegar ao autocuidado por meio da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” é pois, sinalizado que há assoreamentos existenciais. Mesmo que o “Ser” apresente sua condição de abertura, conseguindo interpretar e dar sentido às coisas que encontra no mundo. Ainda assim, haverá momentos em que o “Ser” se ocultará. Para Heidegger (2005) o movimento entre revelar e ocultar, leva o “Ser” ao encontro com a sua verdade. Tanto o que se oculta, quanto o que se revela pertence a história do “Ser” e somente ele pode escolher entre o que ocultar ou revelar ao outro na navegação formativa.

Os marujos, que exercem a liderança da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heide-

ggeriana”, mediante estes movimentos dos assoreamentos existenciais, se mostra como possibilidade para o “deixar-ser” de cada tripulante-professora. A maruja-pesquisadora nessa navegação formativa se aproxima do sentido da experiência de quem se navega. Assim, o movimento da maruja-pesquisadora é respeitar o tempo para que o “Ser” consiga realizar o movimento hermenêutico de compreensão de si mesmo, a ser produzido no interior das relações junto aos demais tripulantes-professores (HEIDEGGER, 2005).

Para mostrar ao outro como realizar a leitura do mapa ao autocuidado por meio da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana”, é necessário que primeiro a maruja-pesquisadora tenha experienciado em si mesmo, através da consciência dos seus valores, da imersão ao seu encontro pessoal e a congruência com o que acredita, assim haverá a abertura para compreender o sentido da experiência do fenômeno pesquisado. A partir daí, a maruja-pesquisadora conseguirá abrir-se ao horizonte da pré-compreensão, da compreensão, da interpretação de cada “Ser” navegante da formação, descortinando, enfim, o sentido (FERREIRA, 2009).

A Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” propõe em sua técnica a utilização de narrativas, ou também podemos nomeá-las de (auto)cartografias na dimensão escrita ou oral. As (auto)cartografias leva a cada “Ser” ao questionamento, a imersão de seus sentimentos, a imaginação, a criatividade na autoformação que reside na experiência formativa. Conforme as ideias de Josso (2007) quanto a experiência de escrita das narrativas formativas, percebe-se que as pessoas são capazes de evidenciar e questionar acerca de si mesmo e de tudo que o permeia por intermédio de deixar revelar a si mesmo por meio das (auto)cartografias. É, pois, um trabalho que exige abertura e desejo de transformação, conhecendo a si dentro da sua fala, pensando sobre sua existência, a partir da própria experiência (CRITELLI, 2006; HEIDEGGER, 2005). Vale ressaltar que não há um único modo convencional para que a (auto)cartografia seja construída, o marujo-pesquisador poderá mobilizar para que cada “Ser” criativamente permita vir à tona linguagens diversificadas que contribuem para o (auto)descobrimento.

Uma precaução a ser levado em conta na Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana”, é que se faz de um exercício transformador, em que cada pessoa inclusive o marujo-pesquisador enquanto mediador possa criar e recriar o sentido de si mesmo. Assim, pelo uso da partilha da palavra, o grupo se analisa e interpreta a existencialidade também de seus pares. Com isso, a reflexão formativa enquanto espaço de autoria, leva a dinamização da formação como processo contínuo e necessário para melhoria de práticas (JOSSO, 2007).

O papel da maruja-pesquisadora na Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” é a de mediadora e de alguma maneira participante. Há a mobilização para que a partir das experiências e das vivências pessoais, se emerja na reflexão, trazendo à tona o sentido desse viver, consequentemente teorizando-o. A maruja-pesquisadora não somente analisa, mas também se reconhece nessa percepção em olhar o que se é, de forma a aceitar-se, compreendendo a si e aos outros, crescendo e se atualizando para a experimentação de relações que o mobilizará na sua humanidade. A Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” percebe o ser-no-mundo em construção, nunca satisfeito e colocando-se sempre como ser de busca. A atividade de busca perpassa por todos os campos onde o “Ser” esteja presente e o espaço de Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” se faz entre sujeito-sujeito, do pesquisador e do participante e não como sujeito-objeto, em que distancia sempre mais o pesquisador de seu lugar reflexivo (LONGAREZI; SILVA, 2008; HEIDEGGER, 2005; FREIRE, 2015).

O exercício fundamental na leitura do mapa da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana”, é a construção dialógica, de compreensão do que se vive, permitindo a escuta, “deixando aflorar as experiências e reflexões da vivência de cada um” (PERRELLI et al, 2013, p. 6). É relevante que todos se sintam confortavelmente com espaços de fala para trazer suas experiências e que o grupo possa sinalizar novas perspectivas de maneira respeitosa e empática.



A Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” tem como proposta a vivência de navegação formativa em pequenos grupos, de no máximo vinte pessoas, em encontros com espaços marcado pela ampulheta de tempo entre uma a duas horas, podemos exemplificar o tempo semanal ou quinzenal, para favorecer o diálogo e a sintonia na compreensão dos tripulantes-participantes. O grupo formativo se faz como espaço para que as pessoas desenvolvam a capacidade de comunicação e aperfeiçoamento nas relações interpessoais e experimentado junto aos seus pares. Sendo assim, a Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” tem caráter formativo e proporciona maneiras de cuidado e transformação da realidade social a partir da mudança vivida por cada pessoa. É o lugar em que as pessoas podem ser elas mesmas, expressando-se com liberdade (JOSSO, 2007; LONGAREZI; SILVA, 2008).

A altitude foco do mapa da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” é a possibilidade de reinvenção de si. Reinventar a si mesmo numa proposta de Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana”, faz do marujo-pesquisador um facilitador e não um mero analista, mas de um incentivador de troca recíproca de informações e conhecimentos, tal qual se apresenta na compreensão dos sujeitos. Dos tripulantes-professores possibilita que seja um lugar de busca de autocuidado em que verbalizem suas experiências e despertem para uma transformação que parte de dentro para fora, ou seja, de si para a sua prática.

Ao longo da navegação formativa, toda a tripulação é levada a construção de (auto)cartografias pessoais, constituindo coletivamente nova história. Nas (auto)cartografias cada tripulante-participante olha para si mesmo, como em um reflexo, ali se apresenta o “Ser” em todas as suas dimensões e mesmo não tendo a palavra escrita ou falada, havendo o ocultamento das informações, ainda assim, seus gestos e as palavras não narradas aparecerão de modo vivificador, sendo a formação meio de libertação para práticas mobilizadoras nos contextos educacionais.

É chegada a hora de aportar em algum lugar, depois da tripulação da nau Pesquisa-Formação Fe-

nomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” ter vivenciado orientações, os preparativos, as turbulências da viagem e as motivações. O marujo-pesquisador compartilha que a margem está a vista e que é o momento de fundear ao objetivo primordial da navegação formativa que se apresenta como lugar do autocuidado.

## (AUTO)CARTOGRAFIAS DE NOVO DE VIR DOCENTE

Ancoradouro a postos e tripulação alinhada para, tranquilamente, pisar em solo firme na chegada ao autocuidado. As (auto)cartografias revelam que há transformação em cada “Ser” ao vivenciar a travessia formativa da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana”. Não é o mesmo grupo, não são as mesmas pessoas, muito menos a navegação chega com os mesmos sinais da partida. Tudo está diferente. Muito a contar aos que ficaram em terra firme, para animar a outros que é possível se formar, deformar e reformar o modo-de-ser.

As (auto)cartografias docentes revelam que navegar em dados momentos causa conflito em ir ou não ir, mas que o “Ser” decidindo participar do processo tem a possibilidade de se reconhecer estando com os outros, se mobilizar no fazer conjunto e se auto descobrir na teimosia de continuar tentando melhorar a prática. Assim, como outrora discutimos, a experiência mesmo sendo conjunta, se mostra como única, já que os movimentos do prumo da navegação vão se dando ora individual ora grupal.

Cada navegação formativa é uma construção feita por pessoas, que carrega especificidades do modo-de-ser e se relacionam através das suas práticas experienciais. A formação nas discussões promovidas por Macedo (2000) precisa ser construída em direção ao fazer de ciência relacional, humanizada e humanizante das questões sociais que atravessam o fazer docente.

O tripulante-professor que se sente escutado, reconhecido e valorizado por meio da formação, enriquece ainda mais os espaços educacionais que ocupa. Já que só se dá aquilo que se tem. Assim, a navegação formativa ao autocuidado, se mostra como lugar em

construção, em que a partir da experiência vivida a tripulação está munida de leveza, de flexibilidade para ouvir e compreender o outro, tendo percepção sensibilizadora, sem pensamentos fechados, mas estabelecendo novos espaços de construção de conhecimento.

O tripulante-docente que se sente valorizado, volta às suas práticas com ânimo e interesse de se melhorar enquanto pessoa. A integração entre aceitação positiva, compreensão empática e congruência evocada por Rogers (2002) como atitudes necessárias ao professor que se mostra como facilitador da aprendizagem, se refere a atitudes que não somente é vivida na relação com o outro, mas na maneira de lidar consigo mesmo e suas diversas dificuldades existenciais.

O oceano que se apresenta por meio da educação, se mostra como maneira para se alcançar o cuidado com o ser-do-outro, em levar ao exercício e responsabilidade para com a cidadania, indicando que há devir indicador de experiências sensibilizadoras de “Ser”. O professor (trans)formador, à medida que vai adquirindo novas experiências e outros modos de olhar para as situações, compreende seu cotidiano e se implica com a realidade.

Ao levar a navegação formativa em mares reflexivos, os tripulantes-professores em suas (auto)cartografias começam a perceber que é necessário repensar seja a si mesmo, como o currículo posto em questão na educação, de maneira a colocar o autocuidado como objetivo norteador de todas as práticas de ensino. Como Heidegger (2005) indicava que o ser-no-mundo se estrutura pelo mundo-vida. Assim, a escola sendo o mundo-vida, terá mais sentido de vivenciar novas experiências por meio de tripulantes-professores cuidados, para serem cuidantes em suas realidades, sendo espaço significativo de vida, em que cada “Ser” se implique com o bem-estar coletivo e consigam juntos enfrentar as intempéries do existir.

Na busca de produzir sentido existencial a (auto)cartografia se mostra como a reflexão do estar-sendo-no-mundo de cada professor participante, aberto aos horizontes significativos no seu fazer cotidiano, provocando no “Ser” a condição de tomada de consciência de novas construções da relação consigo e

com os outros. Os momentos grupais para compartilhar as (auto)cartografias trazem a singularidade da composição das forças de resistência, viabilizando que afetações se sintonizam, a medida que há a escuta sensível e mobilizadora para a transformação (SOUSA; RIBEIRO, 2019; SOUZA; FRANCISCO, 2017; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015; HEIDEGGER, 2005; FREIRE, 2015).

As (auto)cartografias a partir da experiência de navegação formativa não se finda com o fim da viagem. O tripulante-professor entende que registrando suas práticas, haverá contribuições no fazer reflexivo, se desenvolvendo de maneira a libertar-se da passividade de pensar que a realidade educacional não tem solução. Além disso, as (auto)cartografias vão indicando o equilíbrio para com a escuta de si mesmo, não tornando a prática pedagógica a sobrecarga que o levará ao adoecimento, nem se negligenciar, mas respeitar os limites pessoais, as outras pessoas e o mundo-vida presente ao seu redor.

## PARAGENS (IN)CONCLUSIVAS

As paragens vivenciadas na navegação formativa de Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” convergem para pisar novas terras, tais espaços mobilizados pelo cuidado, voltando-se o olhar para uma educação que reflete a existência, que por meio do diálogo e das ações sejam capazes de compreender o “Ser” em sua totalidade imbricado no mundo, numa realidade, que não é estática e que está em movimento de transformação. A navegação formativa por meio da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” vê então no sujeito no aqui-e-agora, levando a uma tomada de consciência para ação no mundo. O “Ser” é verdadeiramente presente, tendo a visão que está inconcluso, capaz de emancipar-se na relação com o mundo e com os outros.

A Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” ao alcançar um de seus objetivos que é levar a cada tripulante-professor ao seu auto reconhecimento pelo autocuidado, se faz como disposição necessária para que o ser humano exista, e que num processo reflexivo possa se prevenir de danos futuros e resgatar aqueles já acontecidos,

visando à transformação e a convivência de si para com os outros de maneira harmoniosa. Assim sendo, a essência humana reside no autocuidado, em que antecipa toda ação do “Ser” sobre si e sobre os que o envolvem e possibilita um novo olhar diante das relações, a partir de uma convivência aberta e equilibrada.

A partir dessa navegação formativa, compreende-se que os espaços formativos são momentos em que os tripulantes-professores têm a possibilidade de experimentar a (auto)cartografia, no movimento de revelar-se e cobrir-se, até se desvelar de si mesmo, responsabilizando-se pelo cultivo do seu autocuidado. A formação é, pois, um lugar de autocuidado, afetando o encontro de si e do outro, provocando preocupação, inquietude e senso de entrosamento para com suas ações e as da coletividade.

A pesquisa-formação alinhada com a fenomenologia-hermenêutica “heideggeriana” indica que ao longo da formação o ser-no-mundo se reinventa, se investiga, se transforma e eleva ao sentido do existir e agir. Ao longo da navegação formativa o tripulante-professor, provocado com suas (auto)cartografias, vai tendo a possibilidade de rever atitudes quanto a sua prática que não foram refletidas, podendo deixar vir a consciência de que o fazer docente se mova enquanto espaços dinâmicos e reflexivos, compreen-

dendo o seu inacabamento e auto refletindo constantemente o fazer da sua experiência.

Para quem se coloca à disposição enquanto marujo-pesquisador em um método de pesquisa tão profundo e implicado, pode-se refletir assim como quem participa da navegação formativa, que a ampliação da potencialidade de compreender a sua existência mobiliza a uma coerência de vida. O marujo-pesquisador se deixa cuidar pelas reflexões e ações cotidianas, que se descortina ao longo da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” e cuida dos fios condutores que permitem o sentido de cada pessoa vir à tona como meio de se refazer de maneira integral e se abrir a emancipação e ao cuidado de si, do outro e do espaço que se encontra.

Enfim, as paragens (in)conclusivas da navegação formativa por intermédio da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” nunca estarão prontas, sempre haverá algo a mais a se explorar. A navegação formativa se mostra como o momento de desalojar-se, de se remexer no modo-de-ser para emancipar-se, de encontro consigo e com o outro, para que novas práticas humanizadoras possam ser afinadas no prumo dos espaços educacionais que possibilitam cuidado mediante a experiência de ser humano.

## REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M. Experiência: um termo chave para a Psicologia. **Memorandum**, Vol. 13, p. 08-15, 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a13/01Amatuzzi.pdf>> Acesso em: 10 de abr. de 2017.

AMATUZZI, M. **O resgate da fala autêntica**: filosofia da psicoterapia e da educação. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano compaixão pela terra. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BONDÍA, J. L. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CRITELLI, D. M. **Análítica do Sentido**: uma aproximação de interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 2006.

DEWEY, J. **Expérience et éducation**. Paris : Presses Coulin, 1968.

FERREIRA, L. S. M. Entre a fenomenologia e a hermenêutica: uma perspectiva em psicoterapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 15, n. 2, p. 143-148, 2009. Disponível em:< [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672009000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000200010)>. Acesso em: 01 de nov. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GADAMER, H. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GALEFFI, D. A. **O ser-sendo da filosofia – uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender filosofia**. Salvador : EDUFBA, 2001.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Parte I. 15 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3, v. 63, p. 413-438, set./dez. 2007.

LONGAREZI, A. M.; SILVA, J. L. Interface entre pesquisa e formação de professores: delimitando o conceito de pesquisa-formação. In: VIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE: formação de professores, 3., 2008, Curitiba. **Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, Curitiba: Champagnat, 2008, p. 4048 – 4061.

MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, S. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PERRELLI, M. A. S.; REBOLO, F.; TEIXEIRA, L. R. M.; NOGUEIRA, E. G. D. Percursos de um grupo de pesquisa-formação: tensões e (re)construções. **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 275-298, jan./abr. 2013. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n236/14.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.

PESSOA, F. **Obra poética**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

ROGERS, C. R. **Grupos de Encontro**. 8. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SOUSA, C. M. M. **Cuidado em educação**: os sentidos da experiência no contexto de pesquisa formação com professoras da educação infantil. 2018. 240f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares, Universidade de Pernambuco, Petrolina - PE.

SOUSA, C. M. M.; RIBEIRO, M. S. S. O ethos do cuidado na formação docente: uma experiência de estágio no ensino superior. **Aprender – Cadernos de Filosofia e Psicologia da educação**, Vitória da Conquista, ano XIII, n. 21, p. 26-41, jan/jun. 2019. Disponível: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/5603/4228>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

SOUZA, S.; FRANCISCO, A. L. Aproximações entre fenomenologia e o método da cartografia em pesquisa qualitativa. *Atas - Investigação Qualitativa em Saúde*, v. 2, p. 120 – 129, 2017. Disponível: < <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1201/1162>>. Acesso em: 01 de mar. 2019.

ZAPATA, A. **L'épistémologie des pratiques**. Pour l'unité Du savoir. L'Harmattan. Paris, 2004.